

# As preferências musicais de jovens instrumentistas: relações com o repertório estudado

MUSICAL PREFERENCES OF YOUNG INSTRUMENTALISTS: RELATIONSHIPS WITH THE STUDIED REPERTOIRE

**RONI RODRIGUES DE OLIVEIRA** Universidade Aberta do Brasil-Universidade de Brasília – UAB-UnB ▶ [ronisamba@gmail.com](mailto:ronisamba@gmail.com)

**REGINA ANTUNES TEIXEIRA DOS SANTOS** Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS ▶ [regina.teixeira@ufrgs.br](mailto:regina.teixeira@ufrgs.br)

## resumo

O objetivo desta pesquisa foi investigar as relações entre as preferências cotidianas de estudantes de instrumento e aquelas de seu repertório em estudo em uma escola de música em Formosa-GO. Foram entrevistados 14 estudantes de 13 a 20 anos de idade. A natureza de pesquisa envolveu um delineamento misto: qualitativo e quantitativo. Em uma primeira etapa, estudantes responderam a um questionário autoadministrado, contendo questões abertas e fechadas. Posteriormente, uma entrevista estruturada pontual foi realizada com os participantes. Os resultados apontaram que, na escuta cotidiana, os jovens participantes demonstraram maior preferência por gospel, rock e MPB e menor interesse pelos gêneros funk, rap e chorinho. A partir do presente estudo, constatou-se que, para a amostra investigada, aprender a tocar um dado instrumento teve o potencial não somente de ampliar o leque de preferências musicais dos estudantes, como também de melhorar questões perceptivas acerca de como e o quê valorizar em uma dada música nos momentos de escuta. Além disso, o repertório estudado pôde contribuir para refinar as exigências pessoais sobre o quê e porquê escolher em termos musicais, assim como intensificar a perspectiva de posicionamento crítico musical perante as músicas de seu entorno sociocultural.

**PALAVRAS-CHAVE:** preferência musical, repertório musical, jovens.

## abstract

The aim of this research was to investigate the relationships between the everyday preferences of music instrument students and those of their repertoire in a music school in Formosa-GO, Brazil. We interviewed 14 students from 13 to 20 years of age. The research involved a mixed design: qualitative and quantitative. In a first step, students answered a self-administered questionnaire, containing open and closed questions. Subsequently, a punctual structured interview was conducted with the participants. The results showed that in the daily listening the young participants showed a greater preference for gospel, rock and MPB, and less interest in the genres funk, rap and

*chorinho*. From the present study, it was found that, for this sample, learning to play a given instrument had the potential not only to broaden the range of students' musical preferences, but also to improve perceptual questions about how and what to value in a given song during listening. In addition, the studied repertoire can contribute to refine the personal demands on what and why to choose in musical terms, as well as to intensify the perspective of critical musical positioning before the musics within ones' socio-cultural environment.

**KEYWORDS:** musical preference, music repertoire, young people.

## Introdução

Música é um fenômeno muito importante na vida das pessoas, servindo para diferentes propósitos e interesses, além de ser praticamente impossível estarmos imunes a qualquer estímulo musical no dia a dia. Dentre o leque de possibilidades, não se pode negligenciar a viabilidade de escolha intencional por determinado tipo de música ou por determinado intérprete. As razões que movem essas escolhas não são ainda totalmente elucidadas. A escolha seletiva de determinado gênero ou canção pode ser decorrente de modismos ou contágio alavancados pela facilidade e baixo custo de acesso a vídeos (no *Youtube*, por exemplo) ou *downloads*. A escolha por determinado gênero pode ser ainda uma questão impulsionada pela sua própria identidade social: gostar de jazz ou música clássica pode estar associado, para alguns, a um tipo mais intelectual (North; Hargreaves, 2008), enquanto o rock ou o *heavy metal* pode vir a ser percebido como estereótipo de um tipo mais rebelde (*vide*, por exemplo, Rentfrow; Gosling, 2003).

Por outro lado, certos autores, como Pais (1998), argumentam que as escolhas por uma dada música e/ou gêneros musicais específicos, assim como a aparência ou a linguagem, são elementos simbólicos que dão coerência interna aos grupos, servindo para formar e consolidar uma identidade grupal. Questões de identidade, de gênero, de idade e/ou de *status* socioeconômico podem também estar correlacionadas com determinadas escolhas musicais (North; Hargreaves, 2008; Thompson, 2007).

Ao se pensar em escolhas musicais, geralmente, vinculamos tal propósito a dois termos recorrentes na literatura, empregados, na maioria dos casos, como sinônimos: preferência ou gosto musical (*vide*, por exemplo, Pimentel; Gouveia; Pessoa, 2007). De acordo com North e Hargreaves (2008), preferência musical descreve reações afetivas a uma peça musical ou a certo estilo de música, refletindo o grau de gosto (ou repulsa), não necessariamente baseado em análise cognitiva<sup>1</sup> ou em reflexão estética da música ou estilo em questão. Por outro lado, gosto refere-se a preferências mantidas por certos tipos de estilos e gêneros musicais ao longo do tempo.

1. Cognição pode ser definida como todas as ações e pensamentos que levam a ver ou demonstram algum tipo de entendimento/compreensão por parte de um indivíduo ou indivíduos (Santos, 2012). Quando North e Hargreaves (2008) referem-se ao fato da preferência não estar ligada à análise cognitiva, esses autores parecem não levar em conta as impressões tácitas fomentadas pelas vivências socioculturais incorporadas.

Juslin et al. (2016) investigaram o gosto musical no sentido de juízos estéticos da música usando ferramentas da análise do julgamento. Tal procedimento visou a ponderar sobre o processo psicológico através do qual os ouvintes empregavam um conjunto de critérios subjetivos e diferencialmente escolhidos para atribuir valor estético a músicas (beleza, originalidade, expressividade, habilidade, emoção, mensagem, tipicidade e valor estético global). Os resultados apontam que o processo de julgamentos avaliativos é sistemático e principalmente aditivo. Houve grandes diferenças individuais entre os ouvintes acerca dos critérios que utilizaram, embora alguns critérios – como sensação de originalidade da peça escutada e habilidade percebida – tenham surgido como mais impactantes para a predição do que os outros. Outro resultado bastante surpreendente foi o argumento de haver forte correlação entre juízo estético e preferência musical, esta última associada à intensidade emocional.

Nesse mesmo sentido, Scherer e Zentner (2001) argumentam que preferências musicais são as mais simples formas de manifestação de afeto e, como fenômeno emocional, estão diretamente associadas à valência, considerada como um dos componentes essenciais da emoção. Preferências (Scherer; Zentner, 2001) envolvem julgamentos avaliativos no sentido de gostar ou desgostar ou, ainda, preferir (ou não) uma dada música a outra(s). Uma pessoa gosta ou desgosta de uma dada música com certa intensidade e até mesmo crença da certeza sobre esse sentimento, ou, em um contexto comparativo, gosta mais de (ou prefere) uma peça em relação a outra(s). Preferências podem ser estimadas, mais do que observadas, no comportamento das escolhas ou na quantidade da escuta ou na medição de comportamento.

Pesquisas sobre preferências musicais demonstram que escutar música é uma das atividades mais citadas como forma principal de lazer e entretenimento (Berger; Helth, 2007). Nessa direção, algumas pesquisas relacionam preferência com grau de relaxamento (anti-stress). Por exemplo, em uma população de estudantes universitários (N = 297) foi possível constatar que o grau de relaxação e calma aumentava quando o andamento, o âmbito de dinâmica e complexidade decresciam (Wang, 2014). Outra questão referente à preferência diz respeito à possibilidade de haver mudança de perspectiva diante de melodias não familiares, quando se proporciona a escuta recorrente de um mesmo estímulo (não familiar). Johnston (2016) concluiu, em uma pesquisa com estudantes universitários (N = 174), que a escuta recorrente pode ser positiva para ampliar o escopo de preferências musicais de alunos através da inclusão de obras não familiares, desde que detenham características de gênero ou estilo similares àquelas que lhe são familiares. Segundo o autor, esse resultado deveria ser levado em conta em disciplinas de apreciação musical.

Outras pesquisas apontam que preferências musicais estão relacionadas a estados de humor e estão associadas a diferenças de personalidade (Rentfrow; Gosling, 2003), podendo-se até mesmo fazer inferências sobre traços de personalidade de alguém quando conhecemos suas preferências musicais (Rentfrow; Gosling, 2006). Para alguns autores da psicologia social, preferências musicais revelam com quem nossas escolhas podem ser compartilhadas e com quem não encontramos afinidades (Berger; Helth, 2007). Brewer (1991; 2003) argumenta que há identidades compensatórias de assimilação (similaridades com outros) e de contraste (distingão perante outros) com relação a preferências musicais. Precisamos sentir-nos incluídos

em certos grupos, mas também precisamos preservar certa singularidade, para encontrarmos significados pessoais e idiossincráticos. Pesquisas recentes (*vide*, por exemplo, Sheppard; Sigg, 2015) mostraram correlações fortes entre preferências, identidade social e autoestima.

Pesquisas na temática de preferências musicais relacionadas à personalidade parecem referir-se a características inatas de cada ser humano. A relação de preferência musical com identidade traz uma perspectiva mais aberta de interação e de trocas através de situações compartilhadas nas situações por nós vivenciadas em um dado contexto sociocultural. Pesquisas recentes (Lokki et al., 2016) estudaram preferências musicais referentes a características acústicas e a posição dos assentos, focando-se, assim, em aspectos contextuais que podem influenciar as preferências dos ouvintes. Nesse estudo, ouvintes puderam ser categorizados em duas classes: (i) aqueles que preferiram clareza à reverberação e (ii) aqueles que preferiram sons intensos, fortes, com reverberação. Isso afetou, por exemplo, a preferência por Bruckner em salas com maior reverberação e por Beethoven em salas com menor reverberação.

Em termos educacionais, parece ser importante considerar que, para um estudante de música que aprende um instrumento, mesmo que em nível iniciante, as preferências por determinadas músicas poderão sofrer mudanças e alterações em função de suas experiências com a aprendizagem de um dado repertório musical. Santos (2007) investigou a preparação do repertório pianístico de três estudantes em diferentes momentos da formação acadêmica ao longo de um semestre, e propôs a reciprocidade entre conhecimento musical mobilizado na preparação do repertório e o modo de ser de cada estudante. Um questionamento que surge é: até que ponto o modo de ser e a relação com o conhecimento musical apreendido diante dos repertórios musicais estudados interferem nas preferências musicais de estudantes de música? Uma hipótese potencial é que as preferências podem estar relacionadas tanto com elementos simbólicos que dão coerência interna aos grupos, como aponta Pais (1998), quanto com o modo de ser de cada instrumentista e de sua relação com os conhecimentos musicais vivenciados ao tocar e/ou cantar um dado repertório musical em estudo.

De acordo com Cunha (2011), os jovens procuram uma escola de música com o intuito de aprender ou aperfeiçoar-se no instrumento musical, e já dispõem de certas preferências musicais. Por sua vez, a escola tem o objetivo de formar pessoas no instrumento aprendido, tendo em vista que ensina – na prática e/ou na teoria – estilos e gêneros específicos, elencados a partir de escolhas daquele que ensina, como também proporciona um repertório de procedimentos e técnicas específicas de cada tradição instrumental. As escolas especializadas ou livres constroem suas próprias regras, tendo, assim, seus métodos de ensino, interesses e escolhas musicais orientados por motivos diversos, como reforçar preferências individuais ou de um dado grupo, de uma dada cultura, ou preferências por ensinar um dado repertório visando a atingir propósitos de aceitação social e/ou retorno econômico (Cunha, 2011). Tais afrouxamentos em termos curriculares podem ter consequências em relação às opções na aquisição de preferências frente aos repertórios dos estudantes.

Durante três anos, o primeiro autor deste artigo estudou violão em uma escola de música em Formosa-GO, percebendo uma variedade de interesses por repertórios musicais bastante específicos por parte de seus colegas e, ainda, a vontade de alguns de busca da técnica

instrumental específica possibilitada graças a certo repertório aprendido. Entendemos que cada estudante traz uma bagagem musical, adquirida no contato com familiares e com os pares, alimentada pelas várias mídias e tecnologias disponíveis. Especificamente no caso de estudantes em uma escola de música, a interação com a música não ocorre unicamente através da escuta/apreciação, mas também através da aprendizagem e prática instrumental direcionada e efetiva (Hallam, 1997a; 1997b). A partir dessas observações, surgiu-nos um questionamento: até que ponto existe modificação e/ou ampliação do conjunto de preferências de jovens instrumentistas, tendo em vista tanto a vasta gama de possibilidades de acesso via mídias e tecnologias como as oportunidades e experiências vivenciadas para aprender uma dada peça ou repertório musical no contexto de uma escola de música? Assim, o escopo desta investigação envolveu a relação entre preferências musicais e o repertório aprendido por jovens instrumentistas pertencentes a uma escola de música em Formosa-GO. Cabe ainda salientar que optamos por adotar o conceito de preferência musical (ao invés de gosto musical), uma vez que nos propusemos observar o comprometimento, interesse e escolhas por escutas e repertórios aprendidos em um dado momento pontual durante a investigação.

Dessa forma, o objetivo do presente trabalho foi investigar as relações entre as preferências cotidianas de estudantes de instrumento e aquelas de seu repertório em estudo em uma escola de música. Os objetivos específicos foram: (i) identificar as preferências dos estudantes de instrumentos em relação aos gêneros musicais disponíveis em seu cotidiano; (ii) identificar a percepção dos alunos em termos de proximidade e afastamento das suas preferências musicais acerca do repertório trabalhado em sua prática instrumental; e (iii) avaliar a potencial alteração das preferências musicais dos estudantes diante das respectivas músicas escutadas em função do contato com os repertórios aprendidos.

A relevância desta pesquisa, de cunho exploratório, consiste em contribuir para a compreensão da relação do repertório trabalhado pela escola de música com os interesses musicais dos estudantes de instrumento, haja vista a gama de opções que hoje em dia estão disponíveis para os estudantes. Tentar mapear suas preferências musicais, assim como relacioná-las à sua aprendizagem musical, poderá trazer aportes para professores de escolas de música sobre a importância e a relevância de se ampliar a gama de conhecimentos sobre gêneros e estilos musicais.

## Metodologia

O universo de pesquisa foi delimitado a uma escola de música, sediada no município de Formosa-GO, que atende cerca de 60 alunos, distribuídos em instrumentos como piano, teclado, violão, guitarra, canto, bateria, coro vocal, entre outros. A população investigada (N = 14) compreendeu desde alunos recém-ingressos até aqueles com maior número de anos de estudo.

A abordagem da pesquisa foi de natureza mista, abrangendo perspectivas quantitativas e qualitativas. O instrumento de coleta de dados de natureza quantitativa foi o questionário autoadministrado, cujo roteiro foi inspirado, inicialmente, na pesquisa de Lamont e Webb (2009) e, então, adaptado aos propósitos da presente pesquisa. O questionário contemplou os seguintes parâmetros: (i) dados pessoais e informações acerca do estudo do instrumento

(instrumento musical, anos de estudo, repertório etc.); (ii) gêneros musicais preferidos; (iii) peça musical preferida; (iv) frequência e meios de acesso à peça musical preferida; (v) justificativa acerca da influência do repertório estudado em relação à potencial mudança ou não de escolhas e preferências musicais. A abordagem qualitativa foi uma estratégia adicional utilizada a fim de contemplar duas questões fundamentais para a problemática da investigação, a saber: (i) sobre o detalhamento do repertório estudado no semestre da investigação; (ii) justificativa da potencial mudança ou não de perspectiva em termos de preferência musical em função do repertório estudado.

Os objetivos da pesquisa e os procedimentos da coleta foram inicialmente explicados para o representante da instituição de ensino. Uma vez obtido o consentimento informado da instituição, os participantes foram contatados na própria escola e receberam as devidas informações. Os estudantes que aceitaram participar da pesquisa firmaram o termo de consentimento informado.

Os dados foram categorizados nos parâmetros utilizados para a construção do questionário e, posteriormente, submetidos a tratamento de estatística descritiva pelo software *Statistic Package for Social Sciences (SPSS®)*, versão 18.0. As questões abertas foram analisadas qualitativamente.

## Resultados e discussões

### Descrição da população

A população foi constituída de estudantes ( $N = 14$ ) com a média de idade de  $16,3 \pm 2,5$  anos e mediana de 15,5 anos, dos quais 57% são do gênero masculino e 43% do feminino. A Figura 1 apresenta a distribuição gráfica dos instrumentos musicais estudados na população investigada.

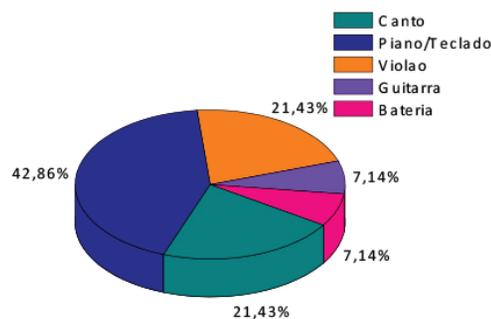


FIGURA 1

*Distribuição dos instrumentos musicais estudados na população investigada (N = 14)*

De acordo com a Figura 1, a maioria dos estudantes estuda piano ou teclado (seis participantes), seguidos de violão ou canto (três participantes cada) e, finalmente, guitarra ou bateria (um participante cada). Com relação ao tempo de estudo, a Figura 2 ilustra o histograma do tempo de estudo desses estudantes.

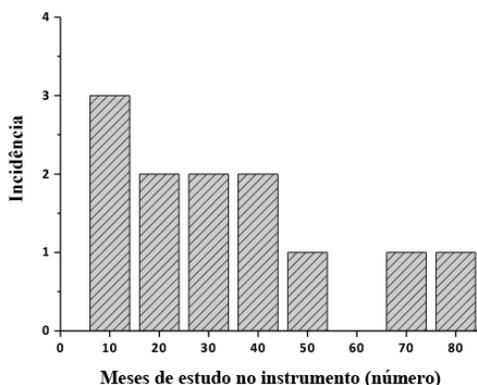
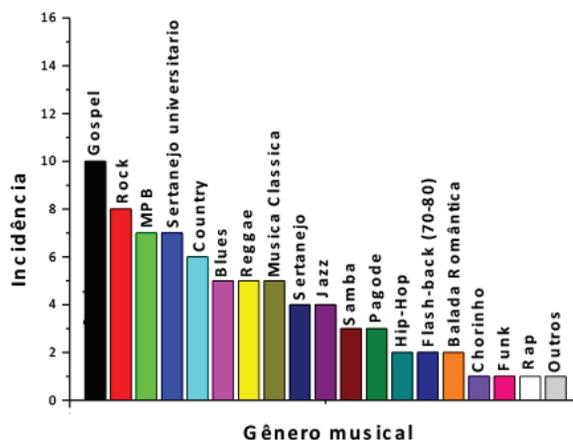


FIGURA 2

*Histograma do tempo de estudo de instrumento na população investigada (N = 12)*

De acordo com a Figura 2, observa-se uma distribuição bimodal (dois conjuntos nitidamente discernidos), com um grupo centrado na faixa de 20 meses e outro, em 70 meses. A média de tempo de estudo calculado foi de  $26,5 \pm 22,5$  meses de estudo. Em outras palavras, o desvio padrão elevado traduz que existe uma heterogeneidade bastante grande na amostra com relação à experiência no instrumento: quatro estudantes com 3-4 meses de estudo; sete estudantes na faixa de 10-50 meses e, finalmente, dois estudantes com mais de cinco anos de estudo.

A Figura 3 apresenta a distribuição de gêneros musicais da preferência dos participantes da amostra.



\*Os respondentes puderam assinalar mais de uma opção.

FIGURA 3

*Distribuição dos gêneros musicais preferidos pela população investigada (N = 14)\**

De acordo com a Figura 3, os cinco gêneros mais citados foram gospel, rock, MPB, sertanejo universitário e country, por ordem decrescente de incidência. Para certos autores, escolher música gospel significa negar outros estilos musicais por parte do indivíduo. Quadros Jr. e Lorenzo (2013, p. 46) afirmam que “expressões culturais que possam despertar nas

“pessoas a inclinação para valores e hábitos desejáveis” acabam direcionando as escolhas musicais relacionadas a esses valores. Por exemplo, o indivíduo que escuta música religiosa cria relação com gêneros afins e acaba optando por músicas do tipo gospel, evitando, assim, gêneros que contradigam suas convicções. As letras das músicas religiosas são diferentes das letras do rock e completamente distintas daquelas do funk. Muitas vezes, a distância entre ambos os gêneros acaba fazendo com que a escolha seja ditada mais por uma questão de crença, valor ou convicção pessoal do que decorrente de alguma tendência regional ou cultural, momentânea ou não, ou ainda mediática.

Ainda com relação à Figura 3, a preferência pelo gospel (N = 10), comparada ao chorinho, funk e rap (três incidências cada), é maior que a preferência por esses três gêneros juntos. Esses dados apontam que a população investigada tende para o valor e uma convicção pessoal de natureza religiosa. Entretanto, a diversidade de escolhas de gêneros bastante distintos – na opção de poder escolher mais de um gênero – permitiu revelar que as tendências em termos de preferências na presente investigação parecem ser contrárias àquelas verificadas por Quadros Jr. e Lorenzo (2013). Os participantes da presente amostra (Figura 3) demonstraram ter também preferências por outros gêneros, apontando certa abertura em relação a outras músicas e não se restringindo exclusivamente ao gospel.

Por outro lado, levando em conta as colocações de Pais (1998), não se pode negligenciar que algumas dessas preferências elencadas (Figura 3) possam ser associadas ao presente momento em termos de oportunidades e experiências compartilhadas no cotidiano dos participantes investigados. Concordamos com Pais (1998), quando esse autor afirma que as relações dos jovens com suas preferências musicais envolvem conexões pontuais com momentos de suas vidas. Cabe também lembrar que as escolhas/preferências musicais estão vinculadas àquilo que a pessoa viveu e adquiriu no convívio com seu meio sociocultural.

Para Schwartz e Fouts (2003), os jovens usam e levam em conta influências musicais para resistir à autoridade, para afirmar sua personalidade e desenvolver relações interpessoais. De acordo com Santos (2010), os adolescentes, em suas escolhas musicais, identificam-se com aquelas vivenciadas nos grupos de amigos, na família e/ou na igreja, estabelecendo preferências comuns com aqueles que os rodeiam, criando, por isso mesmo, possibilidades de escolhas de mais de um gênero, como ocorreu na amostra investigada. Essa autora constatou que rock, MPB e sertanejo universitário foram os três gêneros mais citados, resultado muito semelhante ao observado na presente pesquisa. De acordo com Santos (2010), o jovem busca a música que se relaciona com ele, em que a sua convivência musical ajuda a construir essa opção de escolha, construção que ocorre também quando o indivíduo quer se relacionar.

### **A relação dos estudantes de instrumento com a música favorita**

Os estudantes apontaram qual sua música favorita no momento do preenchimento do questionário. A questão foi incluída a partir da pesquisa de Lamont e Webb (2009). A análise dos gêneros musicais correspondentes às músicas citadas como favoritas gerou a distribuição ilustrada na Figura 4.

\*Aos participantes, foi permitido assinalar mais de uma opção.

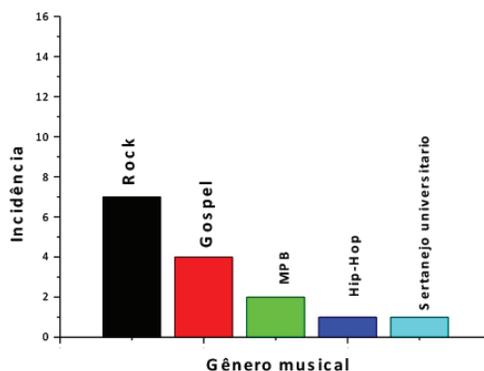


FIGURA 4

*Escuta de música preferida no dia do preenchimento do questionário autoadministrado\**

Com relação à escuta da música preferida no dia da coleta dos dados, constatou-se que 65% dos entrevistados, ou seja, nove participantes, assinalaram tê-la escutado. Dentre esses, o motivo apontado de tê-la escutado foi: (i) opção pessoal: escuta deliberada em vídeo disponível no *Youtube* (três incidências), no celular (quatro incidências) ou *per drive* (apenas uma incidência); (ii) escuta compartilhada: alguém quis ouvir (apenas uma incidência).

De acordo com a Figura 4, a gama de possibilidades é bem mais restrita que aquela apontada na Figura 3. Em outras palavras, nem todos os participantes haviam escutado sua música preferida no dia em que responderam ao questionário autoadministrado. Apesar de indicar praticamente a tendência entre os gêneros musicais preferidos, é interessante observar que existe uma inversão entre rock e gospel na ordem de preferências.

Os participantes, em sua maioria, não souberam precisar há quanto tempo gostavam da referida música. Somente dois participantes souberam apontar o período de um mês como período em que vêm apreciando a música citada. Com relação ao motivo da escuta dessa música preferida, no dia da coleta, os participantes indicaram as razões ilustradas na Figura 5.

\*Os respondentes puderam assinalar mais de uma alternativa.

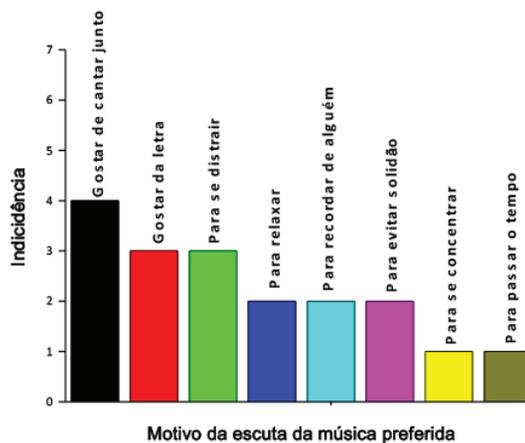


FIGURA 5

*Distribuição dos motivos apontados pelos participantes da escuta da música preferida no dia do preenchimento do questionário autoadministrado pelos participantes respondentes (N = 9)\*.*

De acordo com a Figura 5, as principais razões apontadas para escutar a música favorita foram para cantar junto, por apreciar a letra ou para se distrair. O foco da população investigada parece revelar preferência com intuito de deleite pessoal e interesse pelo conteúdo do texto. Como Reis e Azevedo (2008) mencionam:

A relação entre preferência musical e o repertório (...) destaca a importância do professor de música desenvolver estratégias de ensino e aprendizagem musical que integrem as preferências musicais dos alunos ao repertório a ser trabalhado, enfatizando os elementos musicais que os alunos valorizam, bem como o contexto sócio cultural. (Reis; Azevedo, 2008, p. 245)

Conforme se pode observar nos dados anteriormente apresentados (Figura 5), a maior incidência dos estudantes foi pela opção “gostar de cantar junto”. O fenômeno de querer cantar a música torna-se uma ferramenta motivacional tanto para o professor como para o aluno em sua aprendizagem. Em outras palavras, esses dados parecem apontar para a importância de incluir uma variedade de repertórios, inclusive aqueles que os estudantes possam cantar junto à execução para seu próprio deleite pessoal. Nesse sentido, pode-se inferir que as preferências musicais dos estudantes aqui investigados evidenciam escolha por identidade pessoal e/ou encontro estético. Swanwick (2002), fundamentando-se em filósofos ingleses da educação (Ross, por exemplo), adverte-nos sobre o valor desse encontro estético para a educação musical, pois esse tipo de interação com a escuta e/ou a realização musical do estudante demonstram formas pessoais de interação e expressão artística.

**A relação dos estudantes de instrumento com a música favorita do repertório em estudo**

O Quadro 1 apresenta o repertório atualmente estudado pelos participantes, bem como a peça favorita. A justificativa apontada pela preferência entre as peças aprendidas no repertório gerou várias razões, sistematizadas na Figura 6.

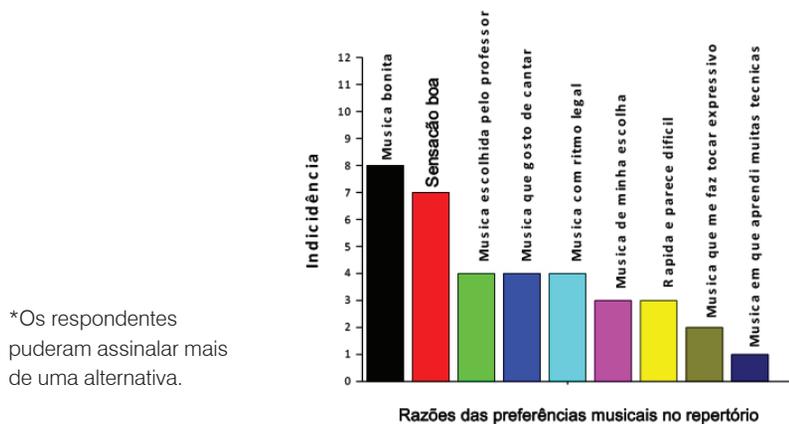


FIGURA 6

*Distribuição das razões que justificaram a escolha da música preferida no repertório estudado pelos participantes respondentes (N = 9)\*.*

Participante	Repertório em estudo	Peça preferida no repertório estudado
A	Someone like you (Adele)	Someone like you (Adele)
B	Aleluia (Gabriela Rocha)	Aleluia (Gabriela Rocha); Advogado Fiel
C	Beyer, Op. 101, n. 74; Burgmuller, Op. 100 n. 15: Ballade; Músicas cifradas: Aleluia (Leonard Cohen), Pela Fé, Canção do Apocalipse	Aleluia (Leonard Cohen); Ballade (Burgmuller)
D	Hometown Glory e Someone like you (Adele); músicas brasileiras de gospels	Hometown Glory (Adele)
E	Someone like you (Adele); Sonda-me (Aline Barros)	Sonda-me (Aline Barros); Pela Fé (André Valadão)
F	A Margarida (Roupa Nova); Aquarela (Toquinho); Pequena Valsa de Esquina (Mignone); Peças de Beyer, Op. 101	Pequena Valsa de Esquina (Mignone)
G	Leila Fletcher (Book 2); Beyer, Op. 101; Minueto em Sol (Bach); Pour Elise (Beethoven); Músicas cifradas: Pela fé; Grandes coisas; Guia-me (Daniela Araújo); Sublime (Leonardo Gonçalves)	Todas as músicas cifradas que já toco; as obras de Bach; Pour Elise (Beethoven).
H	Sweet Child O' Mine (Guns N' Roses); Sinônimos (Chitãozinho e Xororó); Até você voltar (Henrique e Juliano); Dou a vida por um beijo (Zezé de Camargo e Luciano); Tempo Perdido (Legião Urbana)	Sweet Child O' Mine (Guns N' Roses)
I	Segredo (Manu Gavassi); De todos os Loucos do Mundo; Monomania (Clarice Falcão); Quem Sabe (Anitta)	De todos os loucos do mundo (Clarice Falcão)
J	Estudos genéricos (com pentatônica e acordes de sétima); Andantino (Matteo Carcassi); A Espanhola (Cristina Tourinho); Música folclórica holandesa	Andantino (Matteo Carcassi); A Espanhola (Cristina Tourinho)
K	Cissy strut (The Meters); Brasileirinho; Batucada Samba; Tico Tico no Fubá (Zequinha de Abreu)	Cissy strut (The Meters)
L	Música para coro: Tem gato na tuba; Alvorada do Brasil; Laudate Dominum; Berimbau; Solo: Caro mio ben (Giordani); Panis Angelicus; Ave Maria (Caccini); Falsa Baiaba (Geraldo Pereira)	Ave Maria (Caccini)
M	Le lac de Come (Galos); Capricho Andaluz (Victorin Echevarria, arranjo de Mario Mascaranhas); Nana Bella; Minueto n. 2 (do Livro de Ana Madalena Bach)	Nana Bella
N	Não deixe o samba morrer; Californication (Red Hot Chili Peppers); Cuida bem dela (Henrique e Juliano); Calafrio (Henrique e Juliano); Recaída (Henrique e Juliano)	Cuida bem dela (Henrique e Juliano) e as músicas sertanejas.

QUADRO 1

*Dados do repertório estudado e a peça apontada como preferida nesse contexto (N = 14)*

A comparação entre o gênero da preferência da música escutada e o da música tocada no repertório encontra-se representadas no Quadro 2.

Participante	Gênero da música preferida (escuta)	Gênero da música preferida (repertório)
A	Rock	Rock
B	Gospel	Gospel
C	Rock	Gospel
D	Rock	Rock
E	Rock	Gospel
F	Gospel	Clássica
G	Gospel	Clássica
H	Rock	Clássica
I	Rock	Rock
J	MPB	Clássico
K	Gospel	Rock
L	MPB	Clássica
M	Rock	Clássica
N	Sertanejo universitário	Samba

QUADRO 2

*Comparação entre o gênero da música preferida escutada e o gênero da música preferida do repertório em estudo*

Tomando como base os depoimentos dos participantes, de acordo com o Quadro 2, a maioria dos estudantes (nove participantes) apontou, como peça de repertório preferida, uma peça de gênero distinto daquela indicada como música de preferência em termos de escuta. Esses resultados apontam que, em função de cada atividade musical, pode haver diferenças em termos de preferências musicais. No entanto, esses resultados podem também apontar aspectos já salientados por Brewer (1991, 2003): parece haver, na amostra investigada, identidades compensatórias de assimilação a fim de buscar similaridades com outros (seis participantes disseram preferir tocar música clássica, mas alegam preferir escutar outros gêneros, como gospel, rock e MPB). A tentativa de sentir-se incluído na escola (senso de pertencimento) em que estuda pode fazer com que alguns estudantes investigados tenham tendências distintas em função da situação contextual em questão.

Os dados qualitativos referentes à mudança de perspectiva diante do repertório estudado foram classificados em três categorias: (i) não mudou; (ii) mudou um pouco; e (iii) mudou muito. Os Quadros 3 e 4 ilustram posicionamentos dos participantes com relação à eventual mudança de perspectiva (ou não), segundo as três categorias acima, respectivamente. Para fins complementares, dados de idade, instrumento, anos de estudo do instrumento e gêneros preferidos encontram-se aí incluídos.

Sujeito	Idade	Instrumento	Tempo de estudo (meses)	Gêneros preferidos	Depoimentos
A	13	Canto	4	MPB, rock, flash back (70-80), reggae	(...) só estudo a música que tenho a intenção de cantar.
J	15	Violão	1	Pagode, MPB, sertanejo universitário, rock, gospel, música clássica	(...) essa música foi eu que escolhi (...). Gosto de cantá-la, queria me acompanhar. (...) Tem um ritmo legal.
E	14	Piano	13	Sertanejo universitário, jazz, gospel, balada romântica	Às vezes gosto de ouvir música para me distrair ou concentrar.... Sinto-me bem ao tocar a música que escolhi.
H	20	Violão	20	Samba, MPB, sertanejo universitário, Rock, blues, reggae, folk, house	Não mudou muita coisa assim não (...)
D	15	Piano	3	Sertanejo universitário, reggae, gospel	Porque as músicas que eu ouvia antes, eu costumo tocá-las. Toco e canto.

QUADRO 3

*Dados descritivos e exemplos de depoimentos dos participantes classificados no grupo "não mudou"*

De acordo com os depoimentos apresentados no Quadro 3, para os alunos com poucos meses de estudo de instrumento, aparentemente, inexistiu abertura ou questionamento de ampliação do repertório. A motivação para aprender o instrumento é poder tocar aquela música de que gosta. Para os dois casos com maior tempo de estudo, a escolha do repertório parece ser movida ou por preferência já consolidada ou por dispor de certo preconceito, conforme depoimento abaixo.

(...) Não mudou muita coisa assim, não, porque a música clássica eu tenho que tocar, porque faz parte do aprendizado (...) e eu já ouvia vários tipos de música. Então não mudou muita coisa não. (Participante H, 20 anos, estudante de violão há 20 meses)

Com relação ao depoimento acima, o estudante faz menção à peça *Andantino*, de Matteo Carcassi, única peça citada de repertório de música clássica. As demais citadas foram: *SweetChild O' Mine* (Guns N' Roses), *Sinônimos* (Chitãozinho e Xororó), *Até você voltar* (Henrique e Juliano), *Dou a vida por um beijo* (Zezé de Camargo e Luciano) e *Tempo perdido* (Legião Urbana).

No grupo "mudou muito pouco", apenas um participante (de 17 anos de idade, estudo de piano há 30 meses, com preferências por blues, jazz e gospel) escolheu essa opção. Segundo seu depoimento, as músicas que ele toca são aquelas de sua preferência. No entanto, o próprio participante ressalta que há, em seu repertório, tanto peças de sua escolha, como outras sugeridas pelo professor, mas que lhe agradam também. Por isso, considera que mudou muito pouco o escopo de suas preferências musicais. O Quadro 4 apresenta dados referentes ao grupo "ampliou o repertório".

Sujeito	Idade	Instrumento	Tempo de estudo do instrumento (meses)	Gêneros preferidos	Depoimentos
K	18	Bateria	60	Samba, hip hop, pagode, MPB, sertanejo, rock, blues, jazz, reggae, gospel	Estou muito mais aberto para outros tipos de música. Certamente aprendi muitas técnicas e conheci outros gêneros
F	15	Piano	3	Gospel, música clássica.	Antes eu escutava alguns estilos de música, mas desde que eu entrei, eu comecei a escutar outros (...) música clássica, por exemplo.
C	16	Piano	24	Sertanejo universitário, gospel, música clássica.	Acabei gostando de algumas escolhas do professor, já outras não.... Acho que agora tenho muitas referências de gêneros e estilos, e isso considero importante!
L	20	Canto	12	Samba, chorinho, hip hop, pagode, MPB, Sertanejo universitário, rock, blues, jazz, reggae, country, flash back, gospel, balada romântica, música clássica.	Aqui na escola, [aprender] o canto erudito era a intenção. Entretanto, o meu repertório foi ampliando bastante.
M	13	Piano	72	MPB, rock, música clássica	Antes eu não escutava tanta música (...) agora eu escuto muito mais música clássica.
N	15	Violão	24	Funk, sertanejo, rock, rap	Poderia dizer que antes eu não ouvia rock
B	17	Canto	3	Sertanejo universitário, reggae, gospel	Gosto muito de todos os tipos de música, mas prefiro as populares. (...)
J	20	Guitarra	72	MPB, rock, blues, country, gospel	Mudou o meu conceito sobre música

## QUADRO 4

*Dados descritivos e exemplos de depoimentos dos participantes classificados no grupo "ampliou o repertório"*

Com relação aos participantes classificados no grupo "ampliou o repertório", observa-se que a maior parte deles considera que dispõe de um leque maior de possibilidades e conhecimentos de outros repertórios (gêneros e estilos), conforme apontam alguns comentários:

Poderia dizer que antes eu não ouvia rock ...uma música que me fez ouvir mais rock foi a *Californication*, quando aprendi a tocar ela.... Pesquisei outras músicas de rock, do mesmo estilo. O funk eu ouvia mais antes, hoje dia mesmo eu não ouço assim muito mais... (participante N, 15 anos de idade, estudante de violão há 24 meses)

Antes eu escutava outros estilos de música, mas desde que eu entrei [aqui] eu comecei a escutar vários outros estilos ... música Clássica e também vários outros. E também me ajudou muito na questão da audição... da afinação e de perceber mais.... Me ajudou bastante, eu entrar aqui! (participante F, 15 anos de idade, estudante de piano há 24 meses)

Mudou o conceito que a gente tem sobre música... o critério que a gente tem para achar a música boa ...antigamente, quando eu era mais leigo o critério era baseado em senso comum...naquilo que todo mundo dizia que era bom. O que bombava nas rádios aí, né? Depois que a gente vai conhecendo mais música, nosso critério vai se baseando em um viés artístico. A gente vai começando a analisar o processo técnico, a composição...tudo

que envolve as estranhas das músicas. Todo esse lado do artístico, a gente acaba vendo como músico: aquela música que a gente está escutando, a gente acaba tentando decifrar a imagem do compositor! (participante H, 20 anos de idade, estudante de guitarra há 72 meses)

Os três depoimentos acima ilustram perspectivas diferenciadas de vivência com o repertório aprendido. Para o primeiro estudante, aparentemente, seu foco de interesse em termos de preferências musicais está se deslocando, uma vez que, tendo estudado uma peça de rock, buscou músicas do mesmo gênero. Para a estudante F, a questão de preferência musical parece mais ter sido ampliada do que propriamente deslocada. Ao mesmo tempo, é interessante perceber que essa estudante parece valorizar que sua percepção musical esteja mais desenvolvida e que seu senso de afinação tenha ficado mais refinado. Já o estudante H, talvez por dispor de maior número de anos de estudo do instrumento, assume uma postura mais crítica e reflexiva, inclusive na qualidade de se sentir músico, salientando aspectos mais refinados por escolhas de natureza que considera ser de viés artístico.

## Considerações finais

Neste estudo com 14 estudantes de instrumentos de uma escola de música em Formosa-GO, oito participantes consideram que a experiência de aprendizagem do repertório na escola de música ampliou seu leque de preferências musicais; cinco participantes consideram que o repertório aprendido não alterou de forma alguma suas preferências musicais. O estudo da relação entre repertório aprendido e preferências musicais evidenciou, dessa maneira, tanto posturas mais abertas de alguns estudantes como outras mais fechadas. Todos os cinco participantes que revelaram que o repertório aprendido não alterou de forma alguma sua preferência musical, confirmaram que costumam somente tocar músicas de sua predileção. Essa atitude, além de revelar pouca abertura para o conhecimento e o contato com repertórios diferenciados, demonstra falta de disposição pessoal para o desconhecido e para descobertas e revelações pessoais que outros gêneros possam despertar. Como professores de música, precisamos incentivar as descobertas e conhecimentos de gêneros musicais distintos daqueles a que nossos alunos já têm acesso e que preferem em seu dia a dia. Com isso, não estamos a pensar em um único gênero específico, mas na possibilidade de abertura ao desconhecido e na tentativa de darmos o exemplo e não incentivar posicionamentos de rejeição diante daquilo que os estudantes desconhecem. Ou seja, esta é uma via de mão dupla: precisamos querer conhecer e nos aproximar das preferências de nossos alunos, mas também temos que promover a inclusão de repertórios variados que possam abrir o escopo de seu conhecimento.

Em relação aos estudantes com pouco tempo de aprendizado do instrumento, percebeu-se que esses querem e buscam aprender o instrumento para saber tocar – e cantar – aquela música que preferem nas situações de seu cotidiano. Já com relação aos estudantes com mais tempo de aprendizagem de um dado instrumento, percebeu-se que a grande maioria não revelou sentir-se distanciada ou pouco interessada no repertório estudado. Ao contrário, quanto mais diversos os gêneros e estilos estudados, maior pareceu ser a sensação de

estarem vivenciando e aprendendo aspectos complementares em temas de possibilidades musicais para sua formação e expressão musical.

A partir do presente estudo, constatou-se que, para a amostra investigada, aprender a tocar um dado instrumento teve o potencial não somente de ampliar o leque de preferências musicais dos estudantes, como também melhorar questões perceptivas acerca de como e o quê valorizar em uma dada música nos momentos de escuta. Além disso, o repertório estudado pôde contribuir para refinar as exigências pessoais sobre o quê e porquê escolher em termos musicais, assim como intensificar a perspectiva de posicionamento crítico musical perante as músicas de seu entorno sociocultural.

A hipótese surgida na problematização inicial deste artigo, em relação às preferências estarem relacionadas tanto com elementos simbólicos que dão coerência interna aos grupos, como aponta Pais (1998), como com o modo de ser de cada instrumentista e de sua relação com os conhecimentos musicais vivenciados, ao tocar e/ou cantar um dado repertório musical (Santos, 2007), precisará ser investigada em trabalhos futuros. Tal perspectiva poderá fazer-nos refletir não somente sobre a relação entre preferências musicais e as identidades e crenças acumuladas em contextos socioculturais, como também apontar potenciais mudanças de perspectivas diante das escolhas intencionais de escuta musical em função das experiências de aprendizagem compartilhadas em relação a um dado repertório musical, como apontam os dados preliminares desse estudo exploratório.

## Agradecimentos

R. A. T. Dos Santos agradece à UAB-UnB pela bolsa Professor-pesquisador concedida.

## Referências

- BERGER, J.; HEATH, C. Where consumers diverge from others: Identity-signaling and product domains. *Journal of Consumer Research*, v. 34, p. 121-134, 2007.
- BREWER, M. B. The social self: On being the same and different. *Personality and Social Psychology Bulletin*, v. 17, p. 475-481, 1991.
- BREWER, M. B. Optimal distinctiveness, social identity and the self. In: LEARY, M. R.; TANGNEY, J. P. (Eds.). *Handbook of self and identity*. New York: Guilford Press, 2003. p. 480-491.
- CUNHA, E. S. Compreender a escola de música: uma contribuição para a sociologia da educação musical. *Revista da ABEM*, v. 19, n.26, p. 70-78, 2011.
- HALLAM, S. Approaches to instrumental music practice of experts and novices: Implications for education. In: JØRGENSEN, H.; LEHMANN, A. C. (Eds.). *Does practice make perfect?* Oslo: Norges musikkhøgskole, 1997a. p. 89-107.
- HALLAM, S. What do you know about practising? Toward a model synthesising the research literature. In: JØRGENSEN, H.; LEHMANN, A. C. (Eds.). *Does practice make perfect?* Oslo: Norges musikkhøgskole, 1997b. p. 179-231.
- JOHNSTON, R. R. The effect of repetition on preferring ratings for select unfamiliar musical examples: Does preference transfer? *Psychology of Music*, v. 44, p. 514-526, 2016.
- JUSLIN, P. N. et al. No accounting for taste? Idiographic models of aesthetic judgments in music. *Psychology of Aesthetics, Creativity, and the Arts*, v. 10, p. 147-170, 2016.
- LAMONT, A.; WEBB, R. Short- and long-term musical preferences: what makes a favourite piece of music? *Psychology of Music*, v. 38, p. 222-241, 2009.

- LOKKI, T. et al. Concert hall acoustics: Repertoire, listening position, and individual taste of the listeners influence the qualitative attributes and preferences. *The Journal of the Acoustical Society of America*, v. 40, p. 551-562, 2016.
- NORTH, A.; HARGREAVES, D. *The social and applied Psychology of Music*. Oxford:Oxford University press, 2008.
- PAIS, J. M. *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1998.
- PIMENTEL, C.; GOUVEIA, V.; PESSOA, V. Escala de preferência Musical: construção e comprovação da sua estrutura fatorial. *Psico-USF*, v. 12, n. 2, p. 145-155, jul./dez. 2007.
- QUADROS Jr., J.; LORENZO, O. Preferência musical e classe social: um estudo com estudantes de ensino médio de Vitória, Espírito Santo. *Revista da ABEM*, v. 21, n. 31, p. 35-50, 2013.
- REIS, L. P.; AZEVEDO, M. C. C. C. "Nós ouvimos a música de que gostamos ou aprendemos a gostar da que ouvimos?": a música em Programas de Avaliação Seriada para alunos do Ensino Médio. In: CONGRESSO DA ANPPOM, 18., 2008, Salvador. *Anais...* Salvador: ANPPOM 2008. p. 245-249.
- RENTROW, P. J.; GOSLING, S. D. The do re mi's of everyday life: The structure and personality correlates of music preferences. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 84, p. 1236-1256, 2003.
- RENTFROW, P. J.; GOSLING, S. D. Message in a ballad: The role of music preferences in interpersonal perception. *Psychological Science*, v. 17, p. 236-242, 2006.
- SANTOS, D. Adolescentes e o sertanejo universitário: o gosto como uma atividade reflexiva. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PÓS-GRADUANDOS EM MÚSICA, 1., Rio de Janeiro, 2010. *Anais do I SIMPOM*. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2010. p. 157-163.
- SANTOS, R. A. T. Psicologia da Música: aportes teóricos e metodológicos por mais de um século. *Música em Perspectiva*, v. 5, n.1, p. 65-90, 2012.
- SANTOS, R. A. T. *Mobilização de conhecimentos musicais na preparação do repertório pianístico ao longo da formação acadêmica: três estudos de casos*. 2007. 330f. Tese (Doutorado em Música) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- SCHWARTZ, K. D.; FOUTS, G. T. Music preferences, personality style, and developmental issues of adolescents. *Journal of Youth and Adolescence*, v. 32, p. 205-213, 2003.
- SCHERER, K.; ZENTNER, M. R. Emotional effects of music: Production rules. In: JUSLIN, P. N.; SLOBODA, J. A. (Eds.). *Music and Emotion. Theory and research*, 2001. p. 361-392.
- SHEPPARD, D.; SIGG, N. Music preference, social identity, and self- esteem. *Music Perception*, v. 32, p. 507-514, 2015.
- SWANWICK, K. *A basis for music education*. London: Taylor & Francis, 2002.
- THOMPSON, S. Determinants of listeners' enjoyment of a performance. *Psychology of Music*, v. 35, p. 20-36, 2007.
- WANG, W.-C. A study of the type and characteristics of relaxing music for college students. *Proceedings of Meetings on Acoustics*, v. 21, article 035001, p. 1-17, 2014.

Recebido em  
23/12/2016

Aprovado em  
31/12/2016

**Roni Rodrigues de Oliveira** é licenciado em Música (2014) pela Universidade de Brasília (UnB). Atualmente, é professor de violão popular em academia de música e instrutor de fanfara em uma escola do município de Formosa-GO.

**Regina Antunes Teixeira Dos Santos**, bacharel em Música com habilitação Piano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), obteve o título de *Maître* em Educação Musical da *Université Toulouse Le Mirail* (Toulouse, França). Realizou aperfeiçoamento em piano com Profa. Minako Fujita (*Ueno Gakkuen*, Tóquio, Japão). Em 2003, concluiu sua dissertação de Mestrado em Música – Educação Musical e, em 2007, sua tese de doutorado em Música – Educação Musical, ambas sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dra. Liane Hentschke, junto ao Programa de Pós-Graduação em Música da UFRGS. No período 2008-2010 realizou pós-doutorado em práticas interpretativas na UFRGS. Atualmente, é professora de Psicologia da Música e teclado do Instituto de Artes da UFRGS. Em pesquisa, sua área de atuação concentra-se na interconexão entre performance instrumental, conhecimento musical e estratégias de expressão emocional.